

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

Filipe Rodrigues Lima

**A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS E O ACONSELHAMENTO BÍBLICO**

**São Paulo**

**2023**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

Filipe Rodrigues Lima

**A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS E O ACONSELHAMENTO BÍBLICO**

Artigo apresentado ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Rev. Dr. Valdecir da Silva Santos.

**São Paulo**

**2023**

Filipe Rodrigues Lima

## **A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS E O ACONSELHAMENTO BÍBLICO**

Artigo apresentado ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Bíblicos Hermenêuticos. Orientador Professor Rev. Dr. Valdecir da Silva Santos.

Aprovação \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Orientador: Professor: Rev. Dr. Valdecir da Silva Santos.

## A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS E O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Filipe Rodrigue Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama sobre a interpretação do gênero literário “narrativas bíblicas” e sua aplicação na prática do aconselhamento bíblico. O intuito é mostrar que os conselheiros bíblicos podem ter acesso aos inúmeros recursos ministeriais, sendo mais eficientes, em seu ministério de aconselhamento, se entenderem a riqueza desse gênero literário e se utilizarem as ferramentas básicas de interpretação das narrativas bíblicas, respeitando seu estilo literário e seus objetivos. Inicialmente, o autor aborda o universo do gênero literário “narrativa bíblica” com definições conceituais. Logo em seguida, o autor examina a importância do aconselhamento bíblico frente a algumas distorções de compreensão das narrativas bíblicas. Por fim, o autor apresenta uma proposta de interpretação e aplicação dos conceitos para a prática de aconselhamento bíblico, ao elaborar uma análise do texto bíblico sobre a história da mulher do fluxo de sangue (Lc. 8.43-47) para demonstrar que todo bom conselheiro deve ser, antes de tudo, um dedicado exegeta.

**Palavras-Chave:** Interpretação; Exegese; Narrativas Bíblicas; Aconselhamento Bíblico; Prática Ministerial.

---

<sup>1</sup> Filipe Rodrigues Lima é Bacharel em Administração pela Universidade Católica de Brasília – UCB, e Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Brasília - UNICEUB. É pós-graduado em Teologia Bíblica pelo Centro de Pós Graduação Andrew Jumper - (CPAJ) e Mestrando em Estudos Bíblico-Hermenêuticos pelo CPAJ. Advogado e Pastor. *E-mail:* filipe1122@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O Dr. Steven Ballaban, capelão do Centro Médico de Suporte aos Veteranos em Oregon, Portland/USA, publicou um artigo em 2014 onde defendia que o uso das narrativas bíblicas traumáticas era eficaz na recuperação espiritual de pessoas afetadas pelo trauma, sobretudo pelo estresse traumático e pós-traumático.<sup>2</sup> Essa é uma boa notícia, principalmente quando nos deparamos com as necessidades de um mundo caído que sofre com os efeitos da guerra, fome, corrupção e de toda sorte de pecados.

A tese é justificada pelo avanço nos campos da psicologia, teologia e neurologia, ao afirmar que a identidade de uma pessoa é definida muito mais pelas narrativas de vida que ela cria do que pelas circunstâncias que ela experimenta. Os traumas, então, provocam uma ruptura na continuidade de tais narrativas de vida. Por isso, narrativas bíblicas desenvolvem um papel fundamental nessa reconstrução.

Em suas conclusões, ele reafirma a sua tese revelando o *modus operandi* do uso dessas narrativas. Destacamos a seguinte afirmação:

“Especificamente, o poder dessas histórias reside na (...) integração: encontrando caminhos de reconstrução de uma experiência traumática quando compartilhando essas histórias com outras pessoas que sofreram traumas em um grupo no mesmo contexto (...). Como Ganzervoot observou: um ponto de vista hermenêutico tornará possível ver tanto o indivíduo como a Palavra de Deus interagindo entre si. Nesta comunicação, **as histórias fundem-se e influenciam-se mutuamente**. Reescrever então a história da pessoa será possível”.<sup>3</sup> (*grifo nosso*).

Algumas questões podem ser suscitadas das conclusões do artigo em comentário: As narrativas bíblicas devem fundir-se com a história pessoal do indivíduo? Usar as narrativas bíblicas no aconselhamento para reconstrução pessoal não seria um tipo de mau uso desse gênero? Não estaríamos correndo o risco de diminuir o significado de uma metanarrativa ao imprimir nossa própria história nas narrativas bíblicas? E a mais importante: Não estaríamos perdendo a centralidade de Cristo ao tentar nos encontrar nas narrativas bíblicas?

Certamente, o gênero narrativo facilita ao leitor absorver a história com seus dramas e, mais comumente, identificar-se com a saga dos personagens. Isso pode ser umas das razões

---

<sup>2</sup> BALLABAN, Steve. The Use of Traumatic Biblical Narrative: Spiritual Recovery from a Trauma: Theory and Case study. *Journal of Pastoral Care & Counseling*. Volume 68:4. 2014.

<sup>3</sup> BALLABAN, Steve. 2014.

pelas quais as narrativas são tão populares, sejam bíblicas ou não. Os leitores têm por hábito infundir no texto suas experiências de leituras.<sup>4</sup>

Não é difícil encontrar nos produtos para o público cristão, música, livros, palestras e afins, uma forma de transposição do roteiro de vida pessoal para as histórias das narrativas. Provavelmente se trata de forma de expressar que o experimentado pelos personagens bíblicos poderá acontecer com aquele que busca imitar a fé encontrada nas histórias.

A transição dessa forma de identificação para a prática da pregação e do aconselhamento bíblico não encontra dificuldades. É possível observar, em muitas pregações, um teor puramente moralista e com grandes doses de analogia quando mensagens estão sendo pregadas nos gêneros narrativos. Frequentemente, é possível ouvir pregadores afirmarem que “*é necessário derrubar os gigantes da nossa vida, assim como Davi derrubou Golias* ou que todos nós deveríamos *pegar nossos 318 melhores de nossas casas e entrar em batalha espiritual pelas nossas famílias, como fez Abraão quando foi libertar Ló.*”<sup>5</sup>

Essa tendência de fazer projeções pessoais, nas narrativas bíblicas, pode comprometer os resultados no desenvolvimento de um dos ministérios mais necessários nos últimos tempos: o ministério do aconselhamento bíblico. E é nesse ponto que entendemos que a Hermenêutica e a Exegese andam de mãos dadas com a Teologia e a prática pastoral.

A hermenêutica do gênero narrativo pode proporcionar ao conselheiro mais que uma história; pode apresentar uma grande oficina com ferramentas preciosas para o trabalho no aconselhamento bíblico. É, entretanto, necessário que o conselheiro se aplique duramente no trabalho de buscar para além do que o narrador quis contar. É necessário entender o que o narrador quis mostrar.

A proposta desse trabalho é mostrar como o estudo do gênero narrativo pode ser aplicado à prática do aconselhamento bíblico e como tanto conselheiro como aconselhado podem ter uma perspectiva redentora e Cristocêntrica para além de uma simples analogia ou transposição histórico-hermenêutica.

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Tarcízio José de Freitas. Orientações para a Interpretação de Narrativas Bíblicas. Fides Reformata XVI, Nº1 (2011):107-128

<sup>5</sup> Alguns exemplos de frases e expressões semelhantes ouvidas em pregações e aconselhamentos no contexto ministerial do autor.

## 1. O UNIVERSO DO TEXTO NARRATIVO

De início, é importante salientar que este trabalho não irá abordar os aspectos técnicos de análise e avaliação das narrativas bíblicas. Ao citar aspectos técnicos, refiro-me a análises pormenorizadas de componentes das características das narrativas bíblicas ou sobre crítica literária ou crítica da narrativa (narratologia). Alguns excelentes artigos têm desenvolvido essa análise de forma mais detida.<sup>6</sup>

O esforço maior será concentrado em desenvolver um panorama do que são as principais características das narrativas bíblicas e como elas podem ser aplicadas na tarefa do aconselhamento bíblico. Esse esforço busca oferecer aos leitores uma medida segura para uma interpretação sadia, de modo que todos possam ter algum direcionamento no estudo. Devemos estar cientes de que a compreensão do texto sagrado e seu significado não está restrita apenas a estudantes e teólogos profissionais.<sup>7</sup>

As narrativas compõem cerca de um terço de toda a Escritura bíblica. Somente no Pentateuco, ela é o segundo maior gênero<sup>8</sup>. Isso demonstra que será inevitável, seja para o conselheiro, seja para o pregador, seja para o estudante atento lidar com narrativas em seu trabalho. E, como dito alhures, para que se aprenda o que o narrador está querendo mostrar, o estudante da Palavra de Deus precisa aprender a olhar além daquilo que ele está querendo contar. Uma das regras fundamentais no universo da interpretação bíblica é saber o que o autor bíblico tencionava que seus leitores originais compreendessem.<sup>9</sup>

O lema de um importante congresso de aconselhamento bíblico brasileiro é “A bíblia tem todas as respostas”.<sup>10</sup> Esse lema reforça e enfatiza que a Bíblia, como Palavra de Deus, é autoritativa e suficiente no cuidado com a alma. Entretanto, para que tal afirmação seja confirmada por quem se utiliza do aconselhamento, é necessário que o conselheiro conheça e saiba interpretar corretamente esse gênero literário da Palavra de Deus.

---

<sup>6</sup> A exemplo do excelente artigo escrito por: LIMA, Anderson de Oliveira. O Autor como personagem implícito na teoria literária e as particularidades autorais das narrativas bíblicas. Revista Oráculo, ano 10. No 15, 2014.

<sup>7</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. A Bíblia e seus intérpretes: Uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã. 2017

<sup>8</sup> VOGT, Peter. *Interpretação do Pentateuco. Um prático e indispensável manual de exegese*. São Paulo: Cultura Cristã. 2015

<sup>9</sup> STUART, Douglas. FEE, Gordon D. Manual de Exegese Bíblica: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova. 2008

<sup>10</sup> Trata-se da Associação Brasileira dos Conselheiros Bíblicos (ABCB) que, anualmente, promove treinamento em aconselhamento bíblico para pastores, líderes e conselheiros do Brasil inteiro. [www.abcb.org.br](http://www.abcb.org.br)

Assim, é de extrema importância que os gêneros que compõem a Palavra de Deus sejam entendidos e que suas regras interpretativas sejam respeitadas para que a compreensão e aplicação obedçam aos propostos pelo Santo Livro. Mais ainda, é importante que a definição do gênero narrativa atenda aos pressupostos da infalibilidade da Palavra de Deus.

Por exemplo, Paul Ricoeur, destacado filósofo francês, define narrativa como:

uma comunicação imaginativa formulada a partir de memórias do mundo cultural, incluindo as das situações vividas no momento da composição, e tentando uma resposta de leitores ou a partir de expectativas dos autores sobre sua reação ou criação de sentido.<sup>11</sup>

Peter Vogt nos dá uma definição de narrativa bíblica de uma perspectiva mais ortodoxa. Para ele, uma narrativa é

Um registro seletivo de uma série de eventos que usa convenções compartilhadas para transmitir a intenção comunicativa do escritor de maneira atraente. No caso das narrativas bíblicas, essa intenção comunicativa geralmente é teológica, e o autor compreende os eventos descritos como realmente tendo acontecido.<sup>12</sup>

É sensível a diferença na percepção daquilo que inspira uma narrativa. Enquanto Ricoeur enfatiza “uma resposta de leitores ou a partir de expectativas dos autores sobre sua reação ou criação de sentido”, Vogt parte do pressuposto de que “o autor compreende os eventos descritos como realmente tendo acontecido”.

Nessa perspectiva, Vogt propõe-se a descrever quais são as características de uma narrativa. Existem técnicas e convenções usadas para a elaboração de uma narrativa. Dessa forma, é necessário que tais elementos característicos sejam observados na sua exegese e interpretação. Vogt destaca que é preciso estar atento ao (1) cenário, (2) enredo, (3) diálogo e (4) ponto de vista.

O cenário é basicamente o *background* narrativo que “representam onde a ação acontece, quem está envolvido e o que realmente ocorre”.<sup>13</sup> Por meio dessas observações, o intérprete consegue entender quais eram os objetivos almejados pelo autor.

---

<sup>11</sup> RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (tomo I). Tradução: Constança Marcones Cesar. Campinas: Papyrus, 1994

<sup>12</sup> VOGT, 2015.

<sup>13</sup> Ibidem

O enredo considera o desenrolar da narrativa, observando pontos importantes como o clímax e a tensão. A tensão envolvida no enredo pode ser entendida na compreensão de um leitor implícito, que seria a reconstrução de uma *persona* que representa a audiência original. Dessa maneira, o interprete, “se colocando” no lugar da audiência original, estaria apto a fazer perguntas mais acertadas.

O diálogo seria a ferramenta narrativa para destacar os pontos principais do texto. Através de discursos diretos ou indiretos, o intérprete observa a ênfase da narrativa.

Por fim, o ponto de vista pode ser definido da seguinte forma:

Refere-se à perspectiva do autor implícito, um construto literário que se refere à apresentação do autor empírico (vida real) dentro do texto. O construto de autor implícito transmite uma perspectiva que o autor empírico deseja apresentar. Essa perspectiva é compartilhada explicita e implicitamente no texto.<sup>14</sup>

O professor Tarcízio Carvalho, em seu artigo sobre interpretação das narrativas bíblicas<sup>15</sup>, apresenta alguns aspectos literários propostos por Shimon Bar-Efrat em sua obra *Narrative Art in the Bible*. Essa proposta estaria subdividida em cinco aspectos: (1) o narrador, (2) os personagens, (3) o plano, (4) o tempo e o espaço e (5) o estilo. Percebe-se que cada autor encontra alguma forma de destacar aspectos importantes na compreensão das narrativas. E, para o trabalho proposto, é possível usar Vogt e Bar-Efat como complementares entre si, uma vez que Vogt seleciona intencionalmente os elementos da narrativa.<sup>16</sup>

Percebe-se, no entanto, que (3) o plano e (4) o tempo e o espaço correspondem a similaridades conceituais com o que Vogt chamou de enredo e cenário. Em seguida, destacaremos os conceitos restantes.

O narrador, na perspectiva de Bar-Efrat apresentada por Carvalho, é aquele que, por seu local privilegiado, está imerso no texto e está habilitado a revelar as intenções dos personagens e as explicações chaves para a compreensão da narrativa. Sendo assim, ouvir o narrador torna-se imprescindível na compreensão dos textos narrativos.

---

<sup>14</sup> Ibidem

<sup>15</sup> CARVALHO, Tarcízio. op.cit. p.116.

<sup>16</sup> Vogt vai afirmar em suas notas de rodapé que ele deu maior publicidade às quatro características selecionadas por acreditar que elas teriam utilidade singular em entender as narrativas bíblicas. Entretanto, ele não desconsidera o valor delas na interpretação das narrativas bíblicas, assim como confirma a existência de outras características.

Em complemento, os personagens personificam aquilo que o narrador está relatando. Muitas vezes a ação do personagem complementa o que o narrador iniciou e vice-versa. Cada personagem precisa ser entendido com base nas evidências oferecidas pelo narrador. Assim, “traços de personalidade, habilidades e aspectos morais são todos elementos a serem observados”.<sup>17</sup>

O estilo seria “aquilo que enriquece ou enfatiza o significado principal encapsulado nas orações e, devido à carga afetiva atrelada a ele, também costuma determinar a atitude do leitor”.<sup>18</sup> É necessário que o interprete esteja atento ao ritmo, às frases, expressões clássicas, alterações de intensidade, contrações e expansões de porções e histórias. Deve-se ter essa atenção principalmente porque não é difícil encontrar, nas narrativas bíblicas, “longos períodos de tempo que podem ser contados em um versículo, e um dia em vinte versos”.<sup>19</sup>

Se Vogt e Bar-Efrat, por meio da interpretação do professor Tarcízio Carvalho, apresentam as características das narrativas que funcionam como um “raio-x” deste gênero, Köstenberger preocupa-se em apresentar o que seriam os “tipos” de narrativas. Köstenberger define narrativa como “um gênero literário que combina períodos e parágrafos para formar discursos, episódios e cenas”. Na opinião dele, “entender a verdadeira natureza da narrativa é imprescindível para a precisão da interpretação”.<sup>20</sup>

Ele defende uma classificação de tipos de narrativas no Antigo Testamento e no Novo Testamento. As principais narrativas no Antigo Testamento seriam (1) Contos, (2) Narrações e (3) Relatos. Os contos, segundo ele, “podem ser pura ficção ou narrativas verdadeiras a respeito de pessoas e acontecimentos reais. Os contos do Antigo Testamento sem dúvida falam de fatos reais. Tratam da vida real e de pessoas reais”.<sup>21</sup> Estariam nessa classificação os contos sobre Elias e Eliseu e as Crônicas referentes aos feitos de Davi.

As narrações são caracterizadas quando os narradores bíblicos selecionam relatos acontecidos no passado para compor sua obra. Evitando qualquer comparação com uma costura de retalhos históricos, o autor-narrador esforça-se para formar uma narrativa pela

---

<sup>17</sup> CARVALHO, 2011. p. 116.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. Convite à interpretação bíblica. A tríade hermenêutica (história, literatura e teologia). São Paulo: Vida Nova. 2015.

<sup>21</sup> KÖSTENBERGER, PATTERSON. Opus cit.

seleção dos fatos passados, sem deixar de contar com a iluminação do Espírito Santo para escolhê-los. Até porque não é interesse que todos os fatos sejam contados nas narrativas. Apenas interessam os que sejam indispensáveis para os propósitos do autor-narrador. O relato de Josué (Js. 24) é um exemplo magno dessa classificação<sup>22</sup>.

Os relatos teriam como objetivo fornecer aquilo que se pode conhecer como informações históricas. Enquanto as narrações são construídas pela seleção de fatos escolhidos pelo narrador, os relatos seriam os fatos *per se*. Esses podem ser relatos como os dos 12 espias que foram espiar Canaã como relatos vocacionais que são encontrados nos gêneros proféticos.

Atravessando a linha que divide os testamentos bíblicos, as narrativas bíblicas do Novo Testamento revestem-se de algumas particularidades. Essas particularidades podem ser percebidas já na definição do tipo de gênero literário dos Evangelhos e Atos. A discussão girou em torno das definições apresentadas ao longo do século XX. O teor do debate pode ser conhecido assim:

Uma das questões mais importantes no estudo dos Evangelhos é o gênero dos quatro Evangelhos canônicos. Esses escritos não só têm semelhanças com outros escritos cristão primitivos, mas também refletem aspectos do seu ambiente literário greco-romano. Já em 1915, C.W. Votaw encontrou semelhanças entre os evangelhos e a literatura biográfica conhecida do período greco-romano. Ele propõe que os Evangelhos fossem classificados na categoria de biografia greco-romana (bios). Em 1923, K. L. Schmidt contestou essa classificação, propondo que, em vez disso, os evangelhos fossem classificados como escritos populares, e não como obras literárias. Schmidt propunha que não se considerassem os Evangelhos semelhante à literatura greco-romana, mas sim, uma forma literária diferente, um gênero literário inteiramente novo (obra sui generis, “únicas no seu gênero”). Desde então, os Evangelhos já foram classificados de várias formas, como biografias de Jesus, memórias dos apóstolos, aretalogias (série de afirmações que começam com “Eu sou”), comédias, tragédias ou biografias teológicas. Embora a proposta de Schmidt tenha sido aceita durante um período considerável de tempo, o gênero mais comumente proposto para os Evangelhos hoje é o de biografia greco-romana.<sup>23</sup>

Apesar das várias semelhanças dos Evangelhos com as biografias greco-romanas, Köstenberger propõe que as diferenças são suficientes para que os Evangelhos constituam um gênero completamente único. Tais diferenças seriam (1) Ausências de dados biográficos exaustivos sobre Jesus, (2) falta de ordem cronológica consistente nos quatro evangelhos, (3) falta de informação anteriores ao início do ministério de Jesus, (4) somente Lucas tem um prefácio formal, (5) todos os evangelhos são formalmente anônimos e (6) o

---

<sup>22</sup> KÖSTENBERGER, PATTERSON. Opus cit.

<sup>23</sup> KÖSTENBERGER, PATTERSON. Opus cit

público visado pelo evangelista.<sup>24</sup> Contrastando as semelhanças e diferenças entre os Evangelhos e as biografias greco-romanas, é possível dizer que o estilo literário dos Evangelhos mais se assemelham às narrativas históricas do Antigo Testamento.<sup>25</sup>

Tendo feito esse sobrevoo sobre as principais características na interpretação dos textos narrativos, passaremos nosso olhar para o universo do aconselhamento bíblico.

## **2. O UNIVERSO DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO**

O movimento de Aconselhamento Bíblico remete ao início dos anos 1960<sup>26</sup> e tem se desenvolvido no Brasil pelo menos nos últimos trinta anos<sup>27</sup>. Percebe-se que as denominações Batistas e Presbiterianas têm-se lançado com maior interesse nesse campo de estudos<sup>28</sup>.

Esse movimento originou-se de uma inquietação diante da completa terceirização no cuidado com a alma e os dilemas dos crentes. As igrejas estavam entregando seus membros aos cuidados dos psicanalistas e deixando que as teorias seculares que moldavam a prática psicológica, psiquiátrica e terapêutica regulassem suas condutas.

É nesse contexto que o Pr. Jay Adams apresenta algumas teses que vieram a se tornar o embrião do movimento de aconselhamento bíblico. Isso ocorre porque pessoas com problemas precisavam de pastores e não de psicanalistas. Toda a sabedoria necessária para tratar os conflitos dos seres humanos já havia sido revelado na Palavra de Deus.<sup>29</sup>

Podemos dizer, contudo, que o Aconselhamento Bíblico remete à um período muito anterior ao do ministério do Pr. Jay Adams. Podemos creditar a Jay Adams o início de um movimento sistematizador da disciplina do aconselhamento bíblico<sup>30</sup>. Entretanto, os

---

<sup>24</sup> KÖSTENBERGER, PATTERSON. Opus cit

<sup>25</sup> KÖSTENBERGER, PATTERSON. Opus cit.

<sup>26</sup> POWLISON, David. The Biblica Counseling Movement: History and Context. Greensboro, NC: New Growth, 2010.

<sup>27</sup> <https://abcb.org.br/sobre/historia/>. Acessado em 02 de outubro de 2022

<sup>28</sup> A exemplo de que os cursos e congressos mais conhecidos no Brasil são patrocinados e ministrados majoritariamente por essas denominações. O congresso da Associação brasileira dos Conselheiros Bíblicos, que tem parceria com a Faith Baptist Church em Laffayette (EUA) é de predominância Batista. A igreja Presbiteriana tem investido em cursos livres de aconselhamento bíblico ministrados pelo Centro de Pós Graduação Andrew Jumper.

<sup>29</sup> POWLISON, 2010.

<sup>30</sup> Como pode ser visto em sua obra Teologia do Aconselhamento Cristão. Editora Peregrino, onde uma proposta de Teologia Sistemática do Aconselhamento Bíblico é apresentada.

puritanos já escreviam sobre a suficiência das escrituras no trato das dores da alma humana. Citando um artigo de Timothy Keller, Ken Sarles afirma que “os puritanos, conhecidos como médicos da alma, representam na história da igreja a primeira escola protestante de aconselhamento bíblico”.<sup>31</sup>

A dedicação e o zelo que dos puritanos pela pureza da Palavra de Deus os fizeram gigantes na exegese e aplicação do mandamento divino para a vida do homem. Richard Sibbes, citado por Leland Ryken, afirma que “não há qualquer coisa ou qualquer condição que aconteça ao cristão nessa vida sem que exista uma regra geral na Bíblia para tal, e essa regra é estimulada por meio do exemplo”.<sup>32</sup>

Ter os pais puritanos no patrocínio inicial do aconselhamento bíblico demonstra que essa não é uma matéria fruto de uma inovação teológica: ela está enraizada na prática cristã de interpretar corretamente a Palavra de Deus e usar os seus resultados na proclamação do Evangelho, na salvação do perdido, bem como no cuidado da alma do salvo. O entendimento comum para os puritanos era:

“As escrituras visam comunicar a verdade de tal modo que o leitor seja direcionado rumo a Deus (...) Para os puritanos ingleses, toda necessidade psicológica concebível poderia ser satisfeita e todo problema psicológico imaginável poderia ser resolvido por uma aplicação direta da verdade bíblica”.<sup>33</sup>

O entendimento puritano sobre o aconselhamento bíblico revela-se atual e necessário. Essa compreensão deve ser utilizada “aplicando as verdades teológicas que eles empregaram às pressuposições psicológicas de nossos próprios dias”<sup>34</sup>. Essa é a verdade que objetivamos com este trabalho. Entendemos, porém, que as verdades teológicas são provenientes de trabalho exegético e profunda meditação para que a pregação seja verdadeiramente um remédio e não um placebo. O aconselhamento bíblico não pode utilizar-se de métodos puramente alegóricos ou lições moralistas que em nada promovem a

---

<sup>31</sup> MACARTHUR JR., John, MACK, Wayne A. Introdução ao Aconselhamento Bíblico. São Paulo: Hagnos. 2012,

<sup>32</sup> RYKEN, Leland. Santos no Mundo: Os puritanos como realmente eram. São Paulo: Fiel. 2016.

<sup>33</sup> MACARTHUR JR, MACK, 2012.

<sup>34</sup> Idem.

restauração da alma. Pouco tempo terá o cristão para pensar em sua própria satisfação egoísta se ele estiver consumido pelo conhecer Cristo e sua lei.<sup>35</sup>

Um dos benefícios que a correta interpretação das narrativas bíblicas pode proporcionar é a correção da maneira que tanto conselheiro como aconselhando veem as narrativas e a tentativa de projeção pessoal na própria narrativa bíblica.

Parece haver uma tendência nas pessoas que buscam auxílio em manterem-se presas a algum tipo de narrativa, principalmente de vida, para justificar comportamentos alterados e, em muitos deles, condutas pecaminosas. Ao longo dos anos, na prática do aconselhamento, é possível que muitas pessoas projetem suas dores e seus pecados nos personagens das narrativas bíblicas, sem compreenderem o que realmente quis significar aquele momento. Em outras palavras, percebe-se que as narrativas, seja da própria vida ou de elementos externos atuam como poder terapêutico sobre aqueles que buscam auxílio.<sup>36</sup>

Dessa forma é necessário que tenhamos em mente a necessidade de termos pressupostos teológicos bem definidos. Eles se constituem de importância vital para que o direcionamento do aconselhamento não se torne uma viagem sem sentido, sempre propósito e sem destino certo. Tarcízio José conceitua a importância dos pressupostos teológicos:

“Os pressupostos teológicos são importantes porque o restante da Bíblia depois das narrativas em Gênesis 1 a 3 são história de como a humanidade lidou com a redenção que Deus estava, está e estará executando até que tudo seja restaurado. São histórias de seus representantes reais: alguns, líderes a quem Deus chamou para continuar seus planos, e outros, que se parecem com o que se chama de gente comum – representantes reais que ouvem a sua voz. A história da redenção inclui ainda os que se rebela contra o Criador e aqueles que tropeçam pelo caminho e são restaurados por Deus”<sup>37</sup>.

Os pressupostos apontados por Tarcízio Carvalho são (1) Uma boa criação, (2) O tropeço como queda da criação e (3) a redenção desta criação. Essa tríade funciona como o “trilho do trem”, sobre a qual a alma da interpretação e do aconselhamento deverão seguir. Em termos gerais, os pressupostos garantem que as diretivas resultantes da interpretação irão ser aplicados de acordo com o Espírito do texto.

---

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> VITZ, Paul C. *Narratives and Counseling, Part 1: From Analysis of the past to stories About It*. Journal of Psychology and Theology. 1992, vol 20, no 1, 1-19. Um estudo de caso foi apresentado neste artigo acadêmico onde o resultado observado evidenciou que o uso da narrativa de vida do paciente na sessão de aconselhamento revelou ter um poder terapêutico. Em três sessões o terapeuta avaliou a história de vida da paciente, evidenciou pontos fortes, pontos fracos, destacou momentos de vitória e derrota e nomeou os personagens. O estudo de caso sugere que quando o paciente se reconhece dentro da própria narrativa de vida, ele tende a responder positivamente.

<sup>37</sup> CARVALHO, 2011, p.110.

Uma vez que observamos o universo das narrativas e do aconselhamento bíblico, passaremos agora a unir esses dois mundos na prática, ao analisar uma das narrativas bíblicas mais conhecidas e compreender como ela pode ser aplicada para a redenção na vida do aconselhado.

### **3. UNINDO DOIS UNIVERSOS: INTERPRETAÇÃO E PRÁTICA**

#### **3.2 Compreendendo a estrutura: Analisando o texto de Lucas 8.43-47 por cenário, tensões, personagens, diálogos, clímax e ponto de vista.**

Com os conceitos e as características das narrativas bíblicas e do aconselhamento bíblico definidos, passamos a pensar sobre a aplicação da parte teórica no desempenho prático do ministério de aconselhamento bíblico.

Em muitos casos, a prática do aconselhamento bíblico é encarada como um momento em que Deus irá revelar o que se deve falar. Pode ser vista também como algo reservado a poucos homens e mulheres que conseguem combinar doses de auto-ajuda, psicologia, regressão e terapia, envolvendo esse “pacote” com algumas referências bíblicas. Se uma igreja for muito diversificada, poderá contar com ajuda daqueles irmãos bem intencionados que são *experts* em “levantar o astral” de quem está aflito.

Esse quadro pode ser facilmente identificado na maioria das igrejas evangélicas – de tradicionais à neopentecostais, de mega igrejas à pequenos grupos comunitários. Dessa forma, a proposta do trabalho é entender como a correta compreensão e interpretação dos gêneros literários pode beneficiar o conselheiro no momento em que ele estiver aplicando o remédio na alma do aconselhando. E esse esforço dá-se inicialmente em compreender corretamente as narrativas bíblicas.

A necessidade dessa compreensão visa evitar alguns equívocos: (1) ver a Palavra de Deus como um amontoado de frases e versículos desconexos, (2) a projeção pessoal da pessoa aflita com o personagem histórico, conhecido como “Transposição Hermenêutica” e (3) a perda do ensino pretendido descrito na narrativa bíblica em questão.

Como exemplo, usaremos a clássica passagem da mulher do fluxo de sangue e seu encontro com Jesus (Lc. 8.43-48). Provavelmente esta é uma das narrativas bíblicas com maior grau de absorção e projeção dos leitores e conselheiros. Não raramente, muitos dos apelos e chamados ocorrem para que se tenha uma fé como a fé da mulher do fluxo de sangue (vs. 28).

Dessa maneira, a mulher, cujo nome não é revelado nas escrituras, passa a ser o personagem principal e Jesus aparece apenas para efetuar um milagre e colocar um

ponto final em doze anos de sofrimento daquela mulher. Logo, é de esperar-se que dizer a um coração ferido que “é necessário que você dê o passo de fé e enfrente a multidão” soe como algo familiar para todos os que ouvem.

Aplicando alguns dos conceitos do universo das narrativas bíblicas, é possível encontrar resultados interpretativos diversos daqueles já utilizados e supramencionados. O conteúdo fornecido nessa narrativa bíblica é Cristocêntrico, sua força está no ser de Cristo e sua esperança está no que Cristo pode fazer.<sup>38</sup>

Tomando por base a definição de Köstenberger de que as narrativas do Novo Testamento se assemelham às narrativas do Antigo Testamento, podemos classificar a passagem bíblica em questão como uma narrativa bíblica do Novo Testamento. Isso significa que o narrador preparou e selecionou os fatos com o objetivo de revelar um propósito específico.

Em seguida, podemos avaliar as características de uma narrativa bíblica. Entendemos que essa análise pode ser mais detalhada e técnica. Entretanto, o objetivo é mostrar de maneira conceitual a prática da interpretação aplicação.

O Cenário do relato da mulher do fluxo de sangue apresenta características particulares. A história acontece quase “por acidente”, visto que Jesus estava indo atender um pedido de socorro de Jairo. Há uma drástica mudança de cenário. Jesus estava retornado de Gadara (ou Genesaré), cidade em que curou um jovem possesso de demônios e que os expeliu para uma manada de porcos que se precipitaram no despenhadeiro. As testemunhas de tal milagre não se maravilharam, temeram e rogaram para que Jesus se retirasse da terra deles (8.37). A partir de então, Jesus retorna para a outra margem do Rio onde sua presença seria bem-vinda. A demonstração de autoridade de Jesus ao dizer que a filha de Jairo não estava morta, mas dormia, também não causou temor, *a priori*, nos populares presentes na casa de Jairo, mas zombaria.

O enredo da narrativa é melhor entendido quando se considera a perícopes em questão contida no capítulo 8 do Evangelho de Lucas:

- 1) Jesus chega de Gadara, (v. 40)
- 2) É recepcionado pelo pedido do Chefe da Sinagoga Jairo, (v. 41)
- 3) Aceita ir à casa de Jairo, (v. 42)
- 4) É espremido pela multidão a caminho da casa de Jairo, (v. 42)
- 5) Seu progresso é interrompido pelo evento da mulher hemorrágica (v. 45)

---

<sup>38</sup> Devido às limitações de tempo, espaço e pelo propósito deste artigo, os exemplos de interpretação das narrativas serão mais conceituais, destacando pontos principais dessa interpretação.

- a) As condições de saúde e sociais são reveladas (v. 43)
- b) Acontece o (in)esperado toque nas vestes de Jesus (v. 44)
- c) Jesus interrompe a marcha e revela que alguém o tocou (v. 45)
- d) Pedro ironiza Jesus pela frase aparentemente sem sentido (v. 45)
- e) Jesus revela a natureza do toque (v. 46)
- f) A mulher confessa sua atitude (v. 47)
- g) Jesus expõe o caso (v. 48)
- h) Jesus despede a mulher em paz (v. 48)
- 6) Jesus prossegue para casa de Jairo (v. 50)
- 7) Jesus cura a filha de Jairo e ordena que lhe deem alimento (v. 55)

Essa é uma narrativa em que há tensões significativas. Segundo Vogt, as tensões funcionam como uma preparação para que se conheça o clímax do texto. Esse último pode ser definido como as perguntas que os leitores tem sobre os próximos eventos, sem saber, contudo, o que poderá acontecer.<sup>39</sup> É importante salientar que há uma diferença na leitura feita por nós, brasileiros, do século XXI, cristãos, crentes e professantes na fé em Jesus e que, provavelmente, já lemos toda a bíblia e conhecemos o poder de Jesus, e a audiência original, que estava recebendo esse texto pela primeira vez sem compreender o que de fato aconteceria.

Esse fenômeno é conhecido como distanciamento do texto. Augustus Nicodemus afirmar haver, ao menos, cinco tipos de distanciamentos do texto: temporal, contextual, cultural, linguístico e aural. A interpretação do texto precisa transpor tais distanciamentos, uma vez que a mensagem central do texto bíblico é clara mesmo para aqueles que não estão conscientes desse distanciamento.<sup>40</sup> Essas diferenças são reconstruídas pela figura do leitor implícito, que seria o que o leitor original estaria pensando diante dessa narrativa.

O ponto de tensão dessa passagem inicia-se quando Jesus para sua marcha e pergunta quem o tocou (5.c.). Essa expressão prepara para o clímax quando Jesus revela a natureza do toque (5.e.). A pergunta a seguir seria: Alguém irá se revelar? Alguém viu

---

<sup>39</sup> VOGT, 2015.

<sup>40</sup> LOPES, 2013, p. 24-25

essa mulher tocando nele? Ela irá confessar? Alguém irá entregá-la? Jesus irá apontá-la no meio da multidão?

Um segundo ponto de clímax seria: O que Jesus irá fazer após a identidade ser revelada? Essa pergunta é importante porque as leis cerimoniais impediam uma mulher em sua condição de saúde de ter uma vida em comunidade, quanto mais tocar em um Rabi estando impura!<sup>41</sup> (Lv. 15.25-28)

Um terceiro ponto de clímax pode residir na expectativa do que Jesus iria fazer primeiro, ou seja, curar a filha de Jairo. A audiência original poderia questionar-se se o fato de Jesus deter-se em fazer uma pergunta tão improvável e parar sua marcha em direção a casa de Jairo não traria consequências irreversíveis.

O diálogo revela-se como diálogo direto, uma vez que o autor registrou as falas exatamente como foram ditas. É importante destacar que, nesse trecho bíblico, Jesus desenvolve dois diálogos importantes.

O primeiro é com Pedro, que ridiculariza a pergunta feita por Jesus sobre quem o havia tocado. Embora o relato desse milagre, no evangelho de Marcos, não cita Pedro como autor da pergunta, Lucas registra que foi Pedro quem se dirigiu a Jesus (Lc. 8.45).<sup>42</sup> A resposta de Jesus não contemplou a ignorância de Pedro a respeito da onisciência do Filho de Deus. Pelo contrário, Jesus torna a reforçar a pergunta e acrescenta um elemento novo: havia saído poder dele. A conversa com Pedro encerra-se aqui: ele e o narrador não nos informam se ele voltaria a racionalizar a questão.

Inicia-se então o segundo diálogo, esse, com a personagem em questão. Ela tem a iniciativa de confessar o que havia feito, uma vez que sentiu que sua doença a havia deixado. O Narrador informa-nos que ela contou toda a verdade, ou seja, seu estado de impureza, seus problemas com médicos, sua condição resultante de haver gastado tudo que possuía com médicos e seu estado de cura.

O Diálogo entre Jesus e a mulher, tanto em Lucas quanto nos outros Evangelhos, revela a insistência de Jesus em saber “quem” o tocou e não “o por quê” o tocou. Jesus, como Mestre e Fiel intérprete da Lei (Mt. 5.17) sabia que tal mulher não poderia nem mesmo estar entre a multidão. Possivelmente, o narrador tenha nos traduzido o que Jesus

---

<sup>41</sup> KENNER, Craig S. Comentário Histórico Cultural da Bíblia. Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova. 2017.

<sup>42</sup> *Συνθλιβω* (*Sunthlibó*): Esmagar, pressionar por todo os lados. A resposta atravessada de Pedro desconsiderava o poder e a onisciência o Filho de Deus. Em termos puramente carnis, uma multidão estava esmagando Jesus. Ele perguntar quem o tocou é como alguém que, atingido por uma forte onda do oceano, pergunte quem o molhou. Já a expressão “te apertam” no versículo 45 traduz a ideia de alguém que está trancado em uma cela, preso. Ou seja, Jesus estava literalmente bloqueado de todos os lados.

buscou revelar naquele momento: o estado miserável dela. Quando Jesus pergunta “quem me tocou?”, é possível perceber pelo autor implícito que tal revelação acarretaria severas condenações. A audiência original poderia pensar: “Se ela confessar, ela será morta!”.

Houve, todavia, compaixão: a confissão de sua atitude e estado de saúde – perfeito após a cura – receberam misericórdia e não condenação. Essa é uma revelação chocante e surpreendente para quem conhecida os rigores da Lei. É bem provável que a reação da audiência original tenha sido semelhante à dos discípulos quando enfrentaram a fúria dos ventos e do mar: “Quem é esse Mestre, que não condena uma mulher imunda que o tocou, antes, a cura e a despede em paz?”

O diálogo final encerra essa história que aconteceu dentro de outra história. O estilo e as palavras registradas mostram um enredo que iniciou tenso, mas finalizou misericordioso.

### **3.2 O texto analisado e suas aplicações e implicações**

Observadas as características básicas do gênero narrativa bíblica, a necessidade e atualidade do aconselhamento bíblico e os resultados do trabalho de análise do texto, resta agora ao conselheiro bíblico valer-se de todos os recursos disponíveis. É importante salientar que a abordagem na aplicação do conteúdo varia de pessoa para pessoa. Logo, a forma que iremos apresentar não é a única correta ou validada. Deus, em sua infinita sabedoria, permite que uma frase de sua Palavra seja usada e aplicada infinitamente sem perder seu poder.

#### **Jesus, o protagonista das narrativas**

É certo que, em muitos congressos e conselhos, a fé da mulher do fluxo de sangue é ovacionada. Ela atua como uma espécie de heroína, alguém que consegue captar a afeição dos leitores quando, ao enfrentar tudo e todos, consegue tocar no manto de Jesus. A pessoa bendita de Jesus funcionaria aqui apenas como uma nota de roda pé, uma espécie de divindade com poderes mágicos.

Jesus, como o personagem principal é aquele que: (1) operou uma libertação em Garada, (2) é recebido e requisitado para curar a filha de Jairo, (3) é o que para a marcha da multidão para esclarecer um evento miraculoso, (4) inicia o processo de identificação de quem o tocou, (5) perdoa e despede a mulher em paz, (6) retoma a marcha em direção a casa de Jairo e (6) cura a filha de Jairo.

Cada progresso do enredo dessa narrativa só acontece por causa de Jesus. Todos os eventos e acontecimentos estão orbitando em volta dele. Dessa forma, o conselheiro precisa entender que Jesus não funciona como um poste-ídolo, onde os que estão em procissão precisam apenas tocar nEle. Isso revela que “a lógica da história é a lógica sobre Jesus e seus poderes, não sobre uma progressão lógica do raciocínio da mulher sobre a cura até que ela a tenha recebido”.<sup>43</sup>

### **Cuidado com a reprodução dos atos de fé**

Parece ser da cultura brasileira fazer demonstrações de fé. Romarias até Aparecida do Norte, escalar o Cristo Redentor, subir as escadarias da penha de joelhos são alguns desses atos que são quase folclóricos em nossa cultura. E parece que os fiéis sentem que esses atos dão um *boost* em suas súplicas. O relato de Marcos do nosso texto inclui a intenção dela ao dizer “se ao menos eu tocar nas suas vestes”.

O que o narrador não deixa claro é com qual intenção ela expressa essa certeza. Nenhuma das características usadas para analisar o texto ajudam a discernir em que contexto ela está desejando essa cura. Enquanto Marcos relata que ela gastou tudo o que tinha, Lucas relata que ninguém pode curá-la. Seria então essa convicção de tocar nas vestes de Jesus uma mesma esperança que também foi depositada na ciência e medicina da época? Estaria ela apenas trocando o depositário de sua esperança, que outrora, foram outros, que a fizeram, inclusive, gastar todos os seus bens?

Esse parece ser um caminho a considerar-se. Donald Bromley traz a seguinte ideia:

“Como é típico de Lucas, ele adapta a história para que o foco seja desviado do destinatário do milagre e voltado para Jesus. Lucas encurta a descrição detalhada de Marcos sobre o agravamento da condição da mulher e as tentativas mal sucedidas de obter a cura, e apenas menciona que ninguém poderia curá-la. Também não temos a descrição de Marcos dos pensamentos íntimos da mulher, apenas que ela se aproximou de Jesus por trás para tocá-lo. É provável que esta omissão se deva à crença de Lucas de que a esperada mulher continha um elemento de superstição.”<sup>44</sup>

Se essa for uma via de interpretação adotada pelo conselheiro, é imprescindível que o aconselhado seja alertado dos perigos de se reproduzir atos de fé. O Cristo que é o protagonista principal não depende de métodos padronizados. Em um país em que uma grande parte dos evangélicos vieram convertidos do catolicismo, não é de se

---

<sup>43</sup> BROMLEY, Donald H. The healing of the hemorrhaging woman: miracle or magic? Proceedings. 25, 2005. Article.

<sup>44</sup> BROMLEY, 2005.

estranhar que alguns ainda guardem veneração por relíquias e atos de fé. Tentar reproduzir um padrão de ação com o fim de achar que Deus só se move com determinado tipo de “ato profético” ofende a onisciência de Cristo que conhece as necessidades de cada um dos seus filhos (Mt. 6.8). Jesus não é uma bateria com carga elétrica que é descarregada em todos que o tocam.<sup>45</sup> É um Cristo amoroso que cuida e trata de cada um em sua individualidade.

### **A exposição que gera dignidade e nova vida**

Antes de encontrar Jesus, essa mulher vivia nas sombras da vida social. Ao encontrar Jesus, ela é exposta a toda sociedade. Após Jesus, ela passa a viver à luz da dignidade de uma vida em sociedade.

Exposição é um tema muito complexo, geralmente, porque uma exposição poderá causar constrangimento e vergonha em quem foi exposto. Até para coisas positivas, ser exposto gera receios. Ao tentar cumprir o que Jesus falou em Mt. 18.16, sobre reunir um ou dois irmãos para confrontar um irmão que está em pecado, igrejas podem encontrar dificuldades exatamente porque pessoas temem a exposição.

É importante lembrar que nossa prudência mundana não é mais sábia que a sabedoria de Jesus. Em Cristo, a exposição gera vida. Quando Cristo chama para o meio e coloca o foco em alguém, é sinal de que algo está a caminho. Ao repreender a discursão dos discípulos sobre quem seria o maior em seu Reino, Jesus coloca uma criança exposta no meio dos adultos. É exatamente o que ele faz também com o homem da mão ressequida quando diz “levanta-te e vem para o meio”.

Quando Jesus para a marcha rumo a casa de Jairo para ver quem havia tocado nele, ele o faz para devolver vida a uma pessoa que estava à beira da morte. Coincidentemente, ele faz isso duas vezes: em uma mulher quase morta que veio até ele e depois em uma jovem que estava morta e ele foi até ela.

A porta de entrada do evangelho chama-se arrependimento. E o que seria o arrependimento, senão, ser exposto à luz da santidade de Deus, para que tomemos noção da miséria da nossa vida e confessemos a nossa necessidade no Salvador? Pessoas que foram curadas de doenças e enfermidades têm alegria ao mostrar instrumentos, remédios e acessórios que antes eram usados, constrangidamente, enquanto doentes. Quando

---

<sup>45</sup> RIENECKER, Fritz. Evangelho de Lucas. Curitiba: Esperança, 2005.

Jesus nos expõe à luz de sua morte e de sua santidade, nós, de igual modo, expomos nossos pecados e nossas culpas e os depositamos aos seus pés.

Dessa forma, começa-se a entender que nossa história não precisa se fundir à história dos personagens das narrativas bíblicas. Precisamos enxergar como o Senhor da história foi soberano e como ele continua sendo soberano sobre nós.

## **Conclusão**

O profeta Oséias já denunciava que o povo de Deus perecia porque lhes faltava entendimento (Os.4.6). Cremos que, somente depois de um compromisso sério e fiel no aprendizado bíblico, os cristãos começarão a desfrutar das riquezas entesouradas na Palavra de Deus. Isso é necessário para que a Bíblia e o seu ensino sejam aplicados de maneira correta.

Graeme Goldsworthy assevera que “uma Cristologia correta se torna parte vital de nossa formação teológica, e sem ela provavelmente nos tornaremos provedores de imagens sentimentais de Jesus. E assim, o que ele diz nas narrativas não poderá ser entendido.”<sup>46</sup>

No dizer popular, embora um prego possa ser usado para fincar a borracha de uma sandália havaiana quebrada, pregos não foram feitos para prender sandálias quebradas. Embora pessoas projetem suas vidas e dramas nas narrativas bíblicas, as narrativas bíblicas não estão lá para esse fim. Nossa pequena contribuição buscou apresentar alguns elementos mínimos de interpretação de um texto narrativo para que o conselheiro tenha mais opções para ministrar às almas aflitas.

Entendemos que tais elementos não se constituem como padrões de interpretação não passíveis de erro. Existe uma ciência envolvida na interpretação dos textos bíblicos que é profunda e vai se aperfeiçoando ao longo do tempo. De todo modo, cabe ao intérprete-conselheiro buscar ferramentas exegéticas que o auxiliarão no exercício de seu ministério. A palavra de Deus é fonte inesgotável de sabedoria.

---

<sup>46</sup> GOLDSWORTHY, Graeme. Pregando toda a Bíblia como escritura Cristã. São José dos Campos: Fiel. 2013.

Os distanciamentos do texto elencados acima não podem constituir óbice ao nosso trabalho. Na verdade, devemos nos motivar porque “a natureza singular da escrita confere-lhe capacidade de alcançar destinatários diferentes dos que primariamente foram alvos do autor”.<sup>47</sup>

**Abstract:** This article aims at providing an overview of the interpretation of the literary genre "Biblical narratives" and its application in the practice of biblical counseling. The intention is to demonstrate that biblical counselors can be more effective and biblically grounded in their counseling ministry by understanding the richness of this literary genre and employing basic tools for interpreting biblical narratives, while respecting their literary style and objectives. Initially, the author delves into the realm of the literary genre "Biblical narrative" by presenting conceptual definitions. Following that, the author addresses the importance of biblical counseling and emphasizes its necessity in light of certain distortions in the understanding of biblical narratives perceived by those who use them. Finally, the author presents a proposal for interpreting and applying the concepts presented to the practice of biblical counseling, conducting an analysis of the biblical text narrating the story of the woman with the issue of blood (Luke 8:43-47), thus demonstrating that every effective counselor should first and foremost be a dedicated exegete.

---

<sup>47</sup> KURUVILLA, Abraham. O Texto Primeiro. Uma hermenêutica teológica para a pregação. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.